

**pela afirmação do corpo,
contra a transcendência** | bruno andreotti*

João da Mata. *Prazer e rebeldia*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007, 135 pp.

Michel Onfray. *Tratado de ateologia*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo, Martins Fontes, 2007, 214 pp.

Michel Onfray se coloca na tradição do que chama de um arquipélago de rebeldes, de um continente de resistentes e insubmissos, os anarquistas, dos quais Stirner e Bakunin, entre outros, fazem parte. Pergunta-se como atualmente, após as guerras mundiais, o holocausto, os campos de concentração fascistas e comunistas, mas principalmente após Maio de 68, alguém pode merecer o epíteto de anarquista. Sustenta a curiosa perspectiva de que o hedonismo está para a moral assim como o anarquismo está para a política, é uma opção vital, exigida pelo corpo. Nesse ponto, abordando o prazer como ética e a rebeldia como atitude política João da Mata, somaterapeuta e doutorando na Universidade de Lisboa, aproxima-se do pensamento de Onfray em seu *Prazer e Rebeldia*.

O livro se divide em duas grandes partes, na primeira, *Do prazer e sua condenação*, João da Mata mostra a preocupação de Onfray em trazer à tona uma filosofia de valorização do corpo e do prazer, recuperando, só para citar alguns, os cínicos, os cirenaicos e os libertinos,

* Pesquisador no Nu-Sol, historiador e mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP com bolsa CAPES.

Pela afirmação do corpo, contra a transcendência

bem como ressaltar o eclipse dessa filosofia hedonista pelo advento do platonismo e do cristianismo, ambos operando um dualismo que divide o mundo entre Essência e Aparência, estabelecendo as bases para o abandono do corpo e culpa do prazer corporal (P&R, p. 52) e para o surgimento do ideal ascético que estabelece de vez a renúncia ao corpo e aos prazeres como valor moral (P&R, p. 53). Na segunda parte, *Por um materialismo hedonista*, o hedonismo materialista é mostrado através da atitude rebelde do *condottiere*, que escapa dos jogos de poder exercendo seu prazer como ética e estética da existência de maneira anárquica (P&R, p. 15). A pesquisa acurada de João da Mata transparece nas substanciais notas de rodapé do livro, onde o leitor é informado sobre outras perspectivas a respeito das correntes filosóficas abordadas por Onfray e, por vezes, também é apresentado a outros pensadores e temas que estão no mesmo fluxo de Onfray/Da Mata, como o individualismo de Max Stirner, a estética de Marcel Duchamp, a dimensão libertária da amizade em Edson Passetti, para ficarmos apenas com alguns exemplos, permitindo que se construa um percurso próprio de leitura conforme o interesse sobre determinado tema ou assunto. Esta tendência presente nas notas é escancarada no posfácio do livro, onde se mostra um encontro entre anárquicos: Michel Onfray e Roberto Freire, cada um abordando o corpo e o prazer e proporcionando rebeldias a seu modo.

Essas dimensões, prazer e rebeldia, se encontram conjugadas no materialismo hedonista e no personagem conceitual do *condottiere*, que procuram um cruzamento entre a ética e a estética da existência para uma atitude anarquista no cotidiano (P&R, p. 11). O materialismo hedonista lança-se no combate a qualquer forma de poder que pretenda relações hierarquizadas. O hedonismo e a estética da existência encontram na atitude

libertária uma maneira de atuar horizontalmente, fazer ruir hierarquias e universalismos (P&R, pp. 117-118), pois é no e com o próprio corpo que o *condottiere* se torna o escultor de si, inventando novas formas de viver a partir de experimentações e escolhas singulares (P&R, pp. 105-106).

É da perspectiva do materialismo hedonista e levando em conta o personagem conceitual do *condottiere* que o conceito de ateologia faz sentido. O termo não é um neologismo de invenção própria: esboçado em algumas cartas de Bataille, mas por ele abandonado, Onfray o acha sublime (TdA, p. XXIV) e lhe dá um sentido próprio. As quatro tarefas da ateologia são: 1) desconstruir os três monoteísmos mostrando que todos se sustentam sob a mesma base: o ódio à vida; 2) Entender como as três religiões constroem “além-mundos”, ou seja, a invenção de um paraíso metafísico e a desqualificação da vida em sua imanência; 3) Desconstruir as teocracias, mostrar os efeitos da reivindicação prática e política do poder pretensamente emanado de Deus; 4) Produzir condições para a emergência de uma episteme pós-cristã que libere o corpo da punição criada pela religião. Tarefas que encontram ressonância tanto na crítica libertária à religião, passando muito claramente por outro pensador incorporado ao arquipélago de rebeldes de Onfray: Nietzsche.

O livro tem como epígrafe Nietzsche de *Ecce Homo*, §8, onde encontramos seu mote: a noção de Deus foi inventada como antítese da vida. Mostrar como isso se deu é a primeira tarefa da ateologia, como os monoteísmos são erigidos sob o ódio à racionalidade, sua obsessão pela pureza e sua contenção do corpo, base da moral.

A segunda é mostrar como se constroem os “além-mundos”, essa exaltação do além fictício em detrimento

Pela afirmação do corpo, contra a transcendência

da fruição plena de um mundo real, como se deseja o inverso do real (TdA, pp.79-81), a construção do ideal ascético, diria Nietzsche, e Stirner antes dele, ao mostrar como o pensamento religioso nega o mundo em sua existência por uma essência metafísica.

Onfray diz: quando os homens resolvem dar à luz a um Deus único, o fazem à sua imagem: violento, ciumento, vingativo, misógino e tirânico (TdA, p. 51). Para demonstrar como os monoteísmos são inseparáveis das teocracias que os sustentam Onfray parte para a história, mostrando os efeitos do cristianismo sob o governo de Constantino, em Roma, o primeiro Estado totalitário segundo Onfray, as afinidades da Igreja Católica com o nazismo, como o cristianismo e o islamismo são inseparáveis do colonialismo e do imperialismo por sua vocação em converter o mundo à sua fé e o judaísmo, cuja única diferença é querer exercer seu domínio *apenas* sob um território. Crítica parecida com a de Bakunin, pois não pode existir Estado sem religião, sem um Deus que o sustente (*Deus e o Estado*), e Onfray mostra essa ligação, sobretudo na quarta parte do livro intitulada *Teocracia*.

Mas é na criação de uma *episteme* (conceito que toma de Foucault, e que pode ser entendido como a configuração que o pensamento assume em uma determinada época, os limites históricos de uma certa forma de pensar) pós-cristã que parece estar o ponto mais interessante do livro. Nietzsche já havia anunciado a morte de Deus no conhecido aforisma §125 de *A Gaia Ciência* (TdA, p. 192), Dostoievski já deu forma ao medo que segue a morte de Deus em *Os irmãos Karamazov*, pois, se Ele não existe, tudo é permitido. Mas Onfray argumenta precisamente o contrário, e seu livro também pode ser visto como um inventário de todas as atrocidades que já foram cometidas, não porque Deus não existe, mas pela

crença em sua existência. E mesmo aqueles que se dizem *ateus* apenas negam a existência de uma divindade, mas ainda agem de acordo com uma *episteme* judeo-cristã (essa é a tradução que consta no livro, o melhor seria *episteme judaico-cristã*; aliás, o livro é abundante em pequenos erros de concordância, falta de um bom revisor) que consiste na idéia de que o real e o mundo não esgotam a totalidade, há algo que está além do mundo, que o justifica e legitima (TdA, p. 33). Em suma, abdicam da crença na divindade, mas ainda preservam a crença na moral. Crítica similar já encontramos em Stirner, para quem a fé moral é tão fanática como a fé religiosa.

Mesmo no aforisma §125 lemos que a morte de Deus foi anunciada cedo demais e que esse acontecimento ainda estava a caminho, ele demanda tempo: os atos, mesmo depois de feitos precisam de tempo para serem vistos e ouvidos. Nossa época parece atéia, mas apenas aos crentes. Ela é niilista (TdA, p. 29). Terceira e última forma do niilismo como estado psicológico, diagnostica-ra Nietzsche, em que depois de se ter procurado no mundo um sentido que não está nele, depois de se ter tentando encaixar o mundo numa totalidade, numa organização, num sistema que o explique ou que lhe sirva de medida, e depois disso tudo ter *falhado*, ainda se almeja a criação de um mundo *verdadeiro*: a crença é mais desejada onde falta a vontade, quanto menos alguém sabe exercer sua liberdade mais deseja alguém que mande, seja Deus ou o Estado. Forças reativas tentam a todo custo sustentar a idéia de Deus, ou, em sua falta, a Moral. Esses últimos são os *ateus cristãos* de que fala Onfray, que mesmo negando a existência de Deus ainda ficam presos a uma *episteme* judaico-cristã.

Onfray termina o livro mostrando como a moral que se diz laica não passa da reescrita imanente do discurso trans-

cedente. Deus não morre, mas é adaptado para a Terra (TdA, p. 186). Descristianizar a ética, a política, mas também a própria laicidade é também tarefa da ateologia (TdA, p. 187), e isso passa pelo trabalho sobre o pensamento de uma época (TdA, p. 185), criar condições para a emergência de uma episteme pós-cristã: viver sem Deus, sem Moral. O percurso realizado por Michel Onfray em seu materialismo hedonista busca estabelecer-se em direção ao júbilo e ao enfrentamento contra o ideal ascético e contra os laços que a religião propõe (P&R, p. 63). O *condottiere*, radicalmente ateu, inscreve-se no real diante de si, negando qualquer forma de transcendência, o que lhe vale é a matéria percorrida por fluxos de energias e forças. Seu desígnio é confrontar-se com o que diminui sua potência e tenta enfraquecer sua luta, para, enfim, encontrar seu caminho (P&R, p. 60).

misérias nas parcerias antiviolência | edson lopes*

Cecília Coimbra. *Operação Rio, o mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor e Intertexto, 2001, 275 pp.

A ocasião da Operação Rio, como mostra Cecília Coimbra, reinsereu e promoveu a imagem de uma deman-

* Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisador no Nu-sol.